



"Diante da Cátedra Vazia": credibilidade jornalística em disputa na cobertura da morte do Papa Francisco e o Conclave do sucessor

"Before the Empty Chair": journalistic credibility in dispute in the coverage of pope francis' death and the successor's Conclave

Thuany Menezes¹

Iluska Coutinho²

Resumo: O artigo analisa a construção da credibilidade jornalística na cobertura da morte do Papa Francisco e do conclave de seu sucessor, comparando CNN Brasil e TV Aparecida. A partir da Análise da Materialidade Audiovisual (Coutinho 2016; 2018), identificou-se que a CNN priorizou interpretações político-institucionais, aproximando o conclave de uma lógica eleitoral, enquanto a TV Aparecida valorizou fontes eclesiais, a dimensão pastoral e os símbolos litúrgicos. Os resultados apontam que essas escolhas narrativas impactam diretamente a confiança do público e revelam como a credibilidade é performativa e contextual. Conclui-se que ela não é fixa, mas negociada entre veículos e públicos, sendo tensionada pela necessidade de rigor e sobriedade diante da lógica do espetáculo e da hipermediatização.

Palavras-chave: credibilidade; jornalista; conclave; papa; disputa

Abstract: This article analyzes the construction of journalistic credibility in the coverage of Pope Francis' death and his successor's conclave, comparing CNN Brasil and TV Aparecida. Based on Audiovisual Materiality Analysis (Coutinho 2016; 2018), it was found that CNN prioritized political-institutional interpretations, aligning the conclave with an electoral logic, while TV Aparecida emphasized ecclesial sources, the pastoral dimension, and liturgical symbols. The results indicate that these narrative choices directly impact audience trust and reveal how credibility is performative and contextual. The conclusion is that credibility is not fixed, but negotiated between outlets and audiences, and is strained by the need for rigor and sobriety in the face of the logic of spectacle and hypermediatization.

Keywords: credibility; journalist; conclave; pope; dispute

¹ Estudante do Curso de Jornalismo, Universidade Federal de Juiz de Fora. Bolsista PIBIC (CNPq). Integrante do NJA - Núcleo de Estudos em Jornalismo e Audiovisual. E-mail: thuanymenezesjorn@gmail.com

² Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação Universidade Federal de Juiz de Fora (FACOM-UFJF) e coordenadora do NJA - Núcleo de Estudos em Jornalismo e Audiovisual. iluska.coutinho@ufjf.br



Introdução

Em tempos de desconfiança generalizada e sobrecarga informacional, o jornalismo é constantemente colocado à prova. A credibilidade, que por muito tempo foi vista como atributo consolidado de grandes veículos e figuras de prestígio, tornou-se uma moeda instável, negociada diariamente em cada cobertura, manchete ou declaração ao vivo. Mais do que transmitir fatos, o jornalismo precisa, hoje, demonstrar constantemente que é digno de confiança – tarefa cada vez mais desafiadora diante da concorrência pela atenção do público, marcada pela circulação de informações em múltiplos canais, como buscadores, mídias sociais e plataformas digitais, pela desinformação organizada e pela pressão por audiência. Como ressalta Christofolletti (2019), a credibilidade jornalística não é apenas uma questão de reputação, mas um processo relacional e contínuo, forjado nas práticas e nos discursos que os jornalistas constroem diante de seu público.

Esse cenário se torna particularmente complexo diante de acontecimentos de alta carga simbólica e institucional, como a morte do Papa Francisco, em 21 de abril de 2025. Trata-se da perda do líder máximo da Igreja Católica Apostólica Romana e da abertura de um processo de sucessão guiado por normas e ritos milenares. A escolha do novo pontífice se dá no conclave, reunião fechada dos cardeais da Igreja, realizada na Capela Sistina, em Roma, sob um conjunto rigoroso de regras e simbologias. Esse rito, por séculos restrito à comunidade católica, passou nas últimas décadas a ser amplamente midiaticizado, tornando-se um acontecimento global que mobiliza não apenas fiéis, mas também chefes de Estado, analistas políticos e a opinião pública internacional.

A morte de um Papa e a eleição de seu sucessor colocam o jornalismo em um momento-limite: há a urgência da informação em tempo real, a responsabilidade de mediar um luto coletivo e a pressão de lidar com um evento carregado de espiritualidade sem ceder à lógica do espetáculo. Nesse limiar entre a informação e o sensacionalismo, entre a reverência e a especulação, a credibilidade é constantemente posta à prova. Como os jornalistas se posicionam diante desse desafio? Quais escolhas narrativas reforçam a confiança do público – e quais podem miná-la?



Este artigo propõe analisar como a credibilidade jornalística é tensionada e (re)construída na cobertura audiovisual da morte do Papa Francisco e do conclave que elegeu seu sucessor. O foco recai sobre dois polos de cobertura: por um lado, a CNN Brasil, com jornalistas como Diego Pavão, Raylson Araújo e Pedro Duran, cuja abordagem privilegia interpretações de viés geopolítico e político-institucional, em alguns momentos sugerindo que o conclave seria apenas uma formalidade frente a articulações já em curso, minimizando ou ignorando sua dimensão espiritual; por outro, a TV Aparecida, com cobertura realizada *in loco* pela jornalista Camila Moraes e pelo missionário redentorista Irmão Alan Patrick Zuccherato, que imprimem à narrativa um tom reverente e pastoral, enfatizando a ação do Espírito Santo³, a unidade da Igreja e o significado litúrgico do processo de sucessão. Vale destacar que este estudo não tem como objetivo determinar qual abordagem é mais “correta” ou “adequada”, mas refletir sobre como a credibilidade jornalística é construída a partir de diferentes perspectivas, considerando os perfis editoriais e os públicos-alvo de cada emissora.

Ao comparar essas performances – verbais e não verbais, editoriais e simbólicas – busca-se compreender que elementos contribuem para gerar confiança ou desconfiança em momentos de alta exposição pública. Além das individualidades, considera-se o papel editorial dos veículos: a imprensa religiosa tende a adotar um enquadramento mais respeitoso e centrado na espiritualidade e na tradição, enquanto os meios seculares frequentemente priorizam os impactos políticos, sociais e midiáticos do evento. Essa diferença de abordagem contribui para mapear os enquadramentos narrativos e os riscos de erosão da credibilidade quando há deslizamentos éticos, uso de fontes frágeis ou confusão entre fato e opinião.

Nesse sentido, é essencial refletir sobre a interface entre jornalismo e religião, ou mais amplamente, entre comunicação e religião. Ao mediar um evento que é, ao mesmo tempo, litúrgico e midiático, o jornalismo atua não apenas como transmissor de informações, mas como produtor e organizador de sentidos. A cobertura de um conclave implica traduzir símbolos e ritos – como a fumaça branca (*fumata bianca*) que anuncia a eleição de um Papa – para um

³ Na doutrina católica, a “ação do Espírito Santo” é compreendida como a assistência divina prometida por Jesus Cristo à sua Igreja (cf. Jo 14,26), pela qual o Espírito Santo a guia, ilumina e preserva na verdade. No contexto do conclave, refere-se à crença de que essa presença divina orienta os cardeais na eleição do novo Papa, garantindo que a escolha corresponda à vontade de Deus.



público heterogêneo, que inclui tanto devotos conhecedores das práticas católicas quanto pessoas que têm pouco ou nenhum contato com a tradição religiosa. Esse processo de tradução simbólica, ao inserir um evento interno de uma comunidade de fé no espaço público global, transforma-o em objeto de debate político, cultural e social.

Iluska Coutinho (2018) destaca que a credibilidade não reside apenas na veracidade da informação, mas também na maneira como ela é apresentada, no *ethos* construído pelo jornalista e na percepção de imparcialidade e responsabilidade. Já Muniz Sodré (2022) enfatiza a função simbólica do jornalista como mediador da experiência coletiva – alguém que, ao narrar o real, também o molda. A cobertura da morte de um Papa e da eleição de outro, portanto, não diz respeito apenas à Igreja, mas à própria forma como o jornalismo se compreende e se faz reconhecer pela sociedade, em um contexto de disputas simbólicas e de midiaticização do sagrado.

Os objetivos específicos incluem: identificar estratégias narrativas utilizadas na cobertura desses eventos; comparar o tratamento dado por veículos seculares e religiosos; contrastar as performances de jornalistas com diferentes posturas editoriais; e refletir sobre os limites entre jornalismo, opinião e espetáculo em contextos religiosos. A partir dessas análises, espera-se oferecer uma contribuição crítica à compreensão da credibilidade como um fenômeno performativo e contextual, atravessado pela mediação de ritos milenares e por disputas narrativas que ultrapassam fronteiras confessionais.

Diante da cátedra vazia – expressão que evoca não apenas a ausência física de um líder, mas o vazio de um lugar simbólico de autoridade – o jornalismo se vê desafiado a responder com sobriedade, responsabilidade e ética. E é nessa resposta que se joga, mais uma vez, sua própria legitimidade diante do mundo.

1. Um breve histórico das coberturas papais e o desafio da hipermediatização

Desde o século XX, a morte de um Papa e o conclave para eleger seu sucessor têm mobilizado grandes estruturas midiáticas. O falecimento do Papa Pio XII, em 1958, por exemplo, foi um dos primeiros a ser amplamente documentado por meios eletrônicos, em meio a transmissões de rádio e às primeiras reportagens televisivas. Contudo, foi com a morte de



João Paulo II, em 2005, que se consolidou um novo paradigma de cobertura jornalística: global, em tempo real e marcada pela coexistência de diferentes narrativas, da solene à espetacularizada.

A cobertura da morte de João Paulo II reuniu milhões em Roma e bilhões diante das telas, transformando o Vaticano em um epicentro midiático. A transmissão do velório, o acompanhamento do conclave e o anúncio de Bento XVI exemplificaram o papel do jornalismo como mediador do sagrado em contextos de comoção coletiva. Com o avanço da internet, das redes sociais e das plataformas digitais, a cobertura da renúncia de Bento XVI (2013) e da eleição de Francisco já apontavam para um modelo ainda mais interativo e descentralizado. Já não se tratava apenas de transmitir informações, mas de disputar interpretações, estabelecer tendências e mobilizar afetos.

Em 21 de abril de 2025, com a morte do Papa Francisco, esse desafio atingiu um novo patamar. O primeiro papa jesuíta, latino-americano e com um legado centrado na misericórdia, no cuidado com os pobres e na reforma da Cúria, deixou uma Igreja marcada por tensões internas e esperanças diversas. A cobertura de sua morte e da eleição de Leão XIV – novo pontífice eleito em 8 de maio de 2025 – trouxe questões cruciais para o jornalismo: como manter a sobriedade sem ceder à pressão da velocidade? Como traduzir simbolismos milenares para um público cada vez mais distante da lógica religiosa? Como evitar erros em meio à aceleração da informação e da interpretação?

Diferentemente de outras ocasiões históricas, a repercussão desse falecimento ganhou uma amplitude inédita, impulsionada pelo cenário da hipermediatização e pela popularidade singular do pontífice. Emissoras de televisão, veículos impressos, sites jornalísticos e agências de notícias dedicaram atenção maciça à cobertura, enquanto redes sociais e plataformas digitais – integradas ao ecossistema midiático – funcionaram como espaços de circulação, debate e ressignificação das informações e imagens produzidas por diferentes atores da mídia. Esse interesse ampliado e quase imediato reforçou o papel da comunicação na formação da opinião pública sobre temas religiosos, algo que, até então, era mais restrito a nichos específicos.

A cobertura constante gerou um movimento intenso de procura por informações, discussões e registros visuais, somando-se à tensão emocional vivida por fiéis e pelo público em geral. Nesse contexto, o lançamento do filme *O Conclave* em 2024, que dramatiza a eleição



de um novo Papa, tornou-se uma referência cultural para muitos espectadores. Embora seja uma obra ficcional, seu impacto ultrapassou o entretenimento ao influenciar a percepção popular sobre os rituais e processos do conclave real. Para parte do público, cenas do filme foram interpretadas como representações próximas da “realidade”, evidenciando a dificuldade em separar o espetáculo midiático da experiência litúrgica e institucional.

2. As lentes da materialidade audiovisual e a construção do sentido na cobertura jornalística

A cobertura jornalística televisiva não é apenas verbal – ela se constrói na confluência de múltiplos elementos sensoriais e simbólicos. Por isso, para realizar o estudo, o trabalho recorre à metodologia da Análise da Materialidade Audiovisual, desenvolvida mediante pesquisas realizadas no Núcleo de Jornalismo e Audiovisual (NJA), coordenado pela professora Iluska Coutinho, na Faculdade de Comunicação da UFJF. Este método toma como objeto de avaliação a unidade texto + som + imagem + tempo + edição, pois, ao longo dos estudos, percebeu-se a predominância de um dos elementos do código televisual (texto, som, imagem, edição) nas etapas de descrição e análise, sem que essas escolhas ou a consciência dos limites delas resultantes seja problematizada (Coutinho; Andrade, 2016, p. 6).

Essa perspectiva permite compreender a cobertura jornalística como uma performance audiovisual, em que cada elemento contribui para a construção do sentido e para o posicionamento de credibilidade do emissor diante do público. Ao observar como os elementos são articulados – ou deixados em segundo plano – em momentos de alta exposição simbólica, como a morte de um papa e o processo de escolha de seu sucessor, torna-se possível identificar quais estratégias são mobilizadas para reafirmar (ou fragilizar) a confiabilidade da informação.

Para fins de análise e comparação, tomaram-se como objetos empíricos dois veículos televisivos de perfis distintos: TV Aparecida – emissora religiosa com forte apelo à espiritualidade católica e à linguagem devocional – e CNN Brasil – canal de notícias de perfil laico, voltado para política e economia, com uma linha editorial marcada pela análise e pelo factual.

Para cada emissora, foram selecionadas edições jornalísticas transmitidas entre 21 de abril de 2025 (data da morte do Papa Francisco) e 8 de maio de 2025 (data da eleição do Papa



Leão XIV), com foco em entradas ao vivo, reportagens e comentários de estúdio. A partir do corpus, estabeleceram-se dois eixos de análise:

- **Dispositivos de autoridades e mediação (Eixo A):** Quais tipos de fontes são mobilizadas para explicar os acontecimentos (autoridades religiosas, analistas políticos, fiéis, vaticanistas)? Como o jornalista se posiciona diante dessas fontes: como mediador neutro, intérprete, ou porta-voz de uma visão específica?
- **Imaginário religioso e espetáculo midiático (Eixo B):** De que forma a cobertura respeita ou instrumentaliza os símbolos e rituais religiosos na construção da narrativa audiovisual? Como os recursos audiovisuais (imagens, trilha sonora, enquadramentos, efeitos visuais) são utilizados para construir uma atmosfera de solenidade ou para dramatizar o evento?

A partir desses eixos, realizou-se a análise, cujos principais resultados são apresentados a seguir.

3. Análise comparativa da cobertura da CNN Brasil e da TV Aparecida

As coberturas da morte do Papa Francisco e da eleição do Papa Leão XIV pela CNN Brasil e pela TV Aparecida ilustram abordagens distintas, condizentes com os perfis editoriais de cada emissora. Enquanto a CNN adota uma perspectiva laica, priorizando a análise política e institucional, a TV Aparecida estrutura sua narrativa a partir de um olhar religioso e pastoral, buscando conectar os espectadores à dimensão espiritual do evento. Essa diferença não constitui surpresa, mas decorre das linhas editoriais e dos públicos a que cada veículo se dirige.

FICHA DE AVALIAÇÃO - OBJETO 1	RESPOSTA
Canal de veiculação:	CNN Brasil
EIXO A - DISPOSITIVOS DE AUTORIDADES E MEDIAÇÃO	



- Quais tipos de fontes são mobilizadas para explicar os acontecimentos?

A CNN Brasil mobiliza predominantemente fontes de perfil técnico e analítico, como vaticanistas⁴ internacionais, analistas políticos, jornalistas residentes em Roma e especialistas em geopolítica. Essas fontes interpretam o conclave e a morte do Papa Francisco a partir de uma lógica de disputa de poder, frequentemente enquadrando os cardeais como representantes de vertentes ideológicas (“conservadores” ou “progressistas”). Um recurso recorrente foi a criação de um quadro em que os cardeais eram posicionados numericamente segundo suas chances de eleição, em formato semelhante ao de cobertura eleitoral.

- Como o jornalista se posiciona diante dessas fontes?

O jornalista atua como intérprete analítico, traduzindo os eventos religiosos à lógica política e institucional. Embora haja intenção de neutralidade, o enquadramento privilegia a perspectiva geopolítica e a narrativa estratégica. Tal abordagem é coerente com a identidade editorial de um canal de notícias de perfil laico, voltado à política, economia e relações internacionais, cujo foco é oferecer interpretação sob essa ótica.

EIXO B - IMAGINÁRIO RELIGIOSO E ESPETÁCULO MIDIÁTICO

- De que forma a cobertura respeita ou instrumentaliza os símbolos e rituais religiosos na construção da narrativa audiovisual?

Este veículo tende a instrumentalizar os símbolos e rituais religiosos como parte de uma narrativa factual e de alta carga simbólica. A cobertura respeita os momentos solenes, mas frequentemente os utiliza como pano de fundo para reforçar o caráter “histórico” e dramático da situação. O uso de closes nos rostos emocionados, câmeras lentas em gestos significativos e cortes abruptos entre estúdio e imagens do Vaticano cria uma atmosfera de tensão e expectativa, aproximando-se da lógica do espetáculo. Os símbolos são mantidos, mas muitas vezes esvaziados de seu significado espiritual, e ressignificados segundo interesses narrativos seculares. Contudo, esse enquadramento está alinhado à linguagem televisiva de eventos de grande repercussão.

- Como os recursos audiovisuais são utilizados para construir uma atmosfera de solenidade ou para dramatizar o evento?

⁴ Jornalista especializado na cobertura de assuntos relacionados ao Vaticano e à Igreja Católica.



Os recursos audiovisuais são utilizados para criar tensão e dramatização. Os enquadramentos tendem a destacar o inusitado e o emotivo – como planos fechados em lágrimas de fiéis ou expressões tensas de cardeais. A edição é dinâmica e intercalada com gráficos e chamadas de última hora, construindo uma sensação de constante movimento e imprevisibilidade.

FICHA DE AVALIAÇÃO - OBJETO 1	RESPOSTA
Canal de veiculação:	TV Aparecida
EIXO A - DISPOSITIVOS DE AUTORIDADES E MEDIAÇÃO	
- Quais tipos de fontes são mobilizadas para explicar os acontecimentos? A TV Aparecida recorre a fontes eclesiais e devocionais: bispos, padres, religiosos e religiosas, missionários e fiéis. A ênfase está na vivência e no sentido espiritual dos acontecimentos. A presença da equipe no Vaticano permitiu também a produção de conteúdos especiais sobre os bastidores do conclave e explicações doutrinárias, com o objetivo de formar o público católico e combater desinformações – incluindo as geradas por obras ficcionais como <i>O Conclave</i> (2024).	
- Como o jornalista se posiciona diante dessas fontes? O jornalista atua como porta-voz de uma visão específica, alinhada à fé católica. Seu papel é de mediação pastoral, pedagógica e devocional, buscando explicar e espiritualizar os acontecimentos. A cobertura não se pretende isenta, mas abertamente engajada com a missão de evangelizar e defender a tradição da Igreja, apresentando um olhar interno e reverente.	
EIXO B - IMAGINÁRIO RELIGIOSO E ESPETÁCULO MIDIÁTICO	
- De que forma a cobertura respeita ou instrumentaliza os símbolos e rituais religiosos na construção da narrativa audiovisual? Por outro lado, a TV Aparecida valoriza e respeita profundamente os símbolos e rituais, tratando-os como centrais à narrativa. A trilha sonora, os enquadramentos e o ritmo da edição	



são cuidadosamente trabalhados para acompanhar a solenidade litúrgica⁵ e a experiência devocional⁶. A cobertura é guiada por um olhar contemplativo, não apenas informativo. Na TV Aparecida, o tempo da transmissão acompanha o tempo da liturgia⁷, e a dramaticidade, quando presente, está a serviço do sagrado, não da espetacularização. Tal escolha narrativa está em sintonia com a natureza e a missão editorial da emissora – o que, analogamente, se verificaria em veículos vinculados a outras tradições religiosas, que moldariam suas coberturas conforme seus próprios repertórios simbólicos e objetivos comunicacionais. De veículos seculares, por outro lado, espera-se sobretudo o respeito e a cordialidade em relação aos ritos de determinada denominação, ainda que a cobertura adote uma abordagem diferente.

- Como os recursos audiovisuais são utilizados para construir uma atmosfera de solenidade ou para dramatizar o evento?

Os recursos audiovisuais são empregados para criar uma atmosfera de solenidade e comunhão espiritual. As imagens são compostas com reverência, o uso de trilhas sacras cria um ambiente orante, e os planos são estáveis, permitindo contemplação. Os enquadramentos favorecem gestos litúrgicos, expressões de fé e sinais visuais do sagrado. Há também uma busca em corrigir desinformações e formar o olhar do espectador sobre o que está sendo visto – como nos quadros que explicavam o funcionamento do Conclave ou os símbolos do funeral papal.

Considerações finais

A cobertura jornalística da morte de Francisco e da eleição do Papa Leão XIV expôs de forma contundente os desafios contemporâneos da credibilidade na comunicação. Como os jornalistas se posicionam nesse contexto tão complexo? A resposta não é simples e revela uma tensão constante entre o compromisso ético de informar com rigor e a pressão imposta pelo imediatismo das redes sociais, onde a velocidade pode facilmente atropelar a checagem e o aprofundamento. A escolha narrativa, portanto, torna-se um campo de batalha simbólico: optar por uma abordagem sóbria, que respeite os simbolismos milenares e a profundidade dos fatos,

⁵ Liturgia: No contexto católico, refere-se ao conjunto oficial de ritos e celebrações da Igreja, especialmente a missa e os sacramentos, organizados segundo normas estabelecidas pela tradição e pelo magistério.

⁶ Experiência devocional: Conjunto de práticas e vivências que expressam a fé e a devoção de um indivíduo ou comunidade religiosa, podendo incluir orações, gestos, cânticos e outras formas de culto pessoal ou coletivo.

⁷ O “tempo da liturgia” é a cadência própria das celebrações religiosas, que não se pauta pelo imediatismo jornalístico, mas pela sequência, ritmo e significado dos ritos.



é fundamental para reforçar a confiança do público; entretanto, essa mesma sobriedade pode parecer distante ou hermética para uma audiência cada vez mais fragmentada e sedenta por informações rápidas e simplificadas.

Nesse cenário, jornalistas são frequentemente desafiados a traduzir um universo simbólico complexo – recheado de ritos, tradições e significados que remontam a séculos – para um público que, em sua maioria, está desconectado da lógica religiosa, ou que a enxerga com ceticismo e distanciamento. O risco de distorções e erros aumenta exponencialmente diante da aceleração da informação, que não perdoa deslizos e os amplifica, minando rapidamente a credibilidade construída com esforço. A tensão entre manter a profundidade e atender à dinâmica das redes sociais gera dilemas éticos e estratégicos: como não ceder às pressões do espetáculo e da viralização, mas ainda assim captar a atenção e o interesse do público?

A confiança do público, por sua vez, não é um atributo unilateralmente concedido ao jornalismo. Ela é resultado de uma complexa negociação entre os produtores de conteúdo e seus diferentes públicos, que escolhem a que vozes dar audiência. Essa escolha é moldada não só pela qualidade da informação, mas também pela identificação ideológica, emocional e afetiva com o emissor. Assim, o jornalismo deve reconhecer que seu público não é homogêneo, mas fragmentado, e que a credibilidade pode ser construída ou destruída conforme o alinhamento ou desalinhamento com as expectativas e valores desses grupos. Isso impõe uma necessidade de autocrítica e adaptação constante, para que o jornalismo não caia na armadilha do fechamento em bolhas informativas que reforçam preconceitos e desinformações.

Portanto, a cobertura da morte de Francisco e da eleição de Leão XIV não foi apenas um desafio jornalístico, mas um espelho das tensões atuais da comunicação em uma sociedade marcada pela polarização, pela aceleração da informação e pela crescente desconfiança nas instituições. Para que o jornalismo consiga cumprir seu papel de mediador cultural e social, é preciso que ele reforce sua aposta na transparência, na ética, no aprofundamento e no respeito ao público – mesmo que isso represente caminhar contra a lógica predominante do imediatismo e do espetáculo.



Referências

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **A crise do jornalismo tem solução?** Barueri: Estação das Letras e Cores, 2019.

COUTINHO, Iluska; ANDRADE, Ana Paula Goulart de. Análise da Materialidade Audiovisual (AMA): relato sobre as experiências de um método em fluxo para compreender o jornalismo em telas. *In: ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE JORNALISMO (ENEJOR)*, 21., 2022, Teresina. **Anais [...]**. Teresina: ENEJOR, 2022.

COUTINHO, Iluska. Compreender a estrutura e experimentar o audiovisual: da dramaturgia do telejornalismo à análise da materialidade. *In: EMERIM, Calida et al. (orgs.). Epistemologias do telejornalismo brasileiro*. Florianópolis: Insular, 2018.

COUTINHO, Iluska. **Análise da materialidade audiovisual**: imagens, sentidos e significados. *In: XX Encontro da Compós*, 2018.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato**: notas para uma teoria do acontecimento. 2. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.